

Domingos Rebelo: O Homem e a obra – subsídios

A Domingos Rebelo - o Pintor :

a Ti, que vives o sonho da tua

Arte,

inútil para a maioria dos

homens,

a sinceridade destes versos.

Janeiro de 1971

Foi Deus quem me mandou cantar em verso
A magua de viver, que nos devora.
E em minha dor auciada vive e chora
Quanto sonho, no mundo, anda disperso.

Na còsmica grandeza do Universo,
Que sou? Um grão de areia? Nilito embora...
Quanta tragédia oculta me apavora
Na singeleza rítmica dum verso.

Quanto mistério ha para dizer,
O que na paz da noite se ergue e fala
Na mais funda distancia do meu ser...

Não é baldado, eu sei, o meu sentir...
Tambem a fonte humilde não se cala
E não pára ninguém para a ouvir...

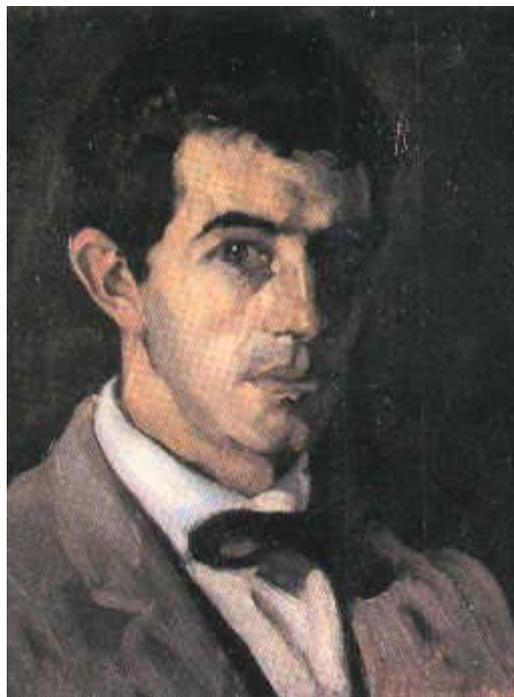
Armando Côrtes-Rodrigues.

Domingos Rebelo: Homem da Europa ou da sua terra natal?

Catarina Castanho Guimarães

Novembro de 1997

Domingos Maria Xavier Rebelo nasceu em Ponta Delgada, S. Miguel, a 3 de Dezembro de 1891, pelas 24 horas, na rua da Esperança. Era filho de José Eduardo Rebelo, Guarda Fiscal desta cidade, e de Georgina Augusta Pereira Rebelo.



Auto-Retrato

Óleo s/ platex, s/d. (ca. 1913)

Vida Familiar

Domingos Rebelo e os seus três irmãos, Manuel, José e Maria da Glória, oriundos de uma família de condição modesta, cresceram num ambiente onde se atribuía uma importância primordial à vida familiar e à actividade religiosa, aspectos marcantes tanto na vida como na obra do pintor.



Manuel



José

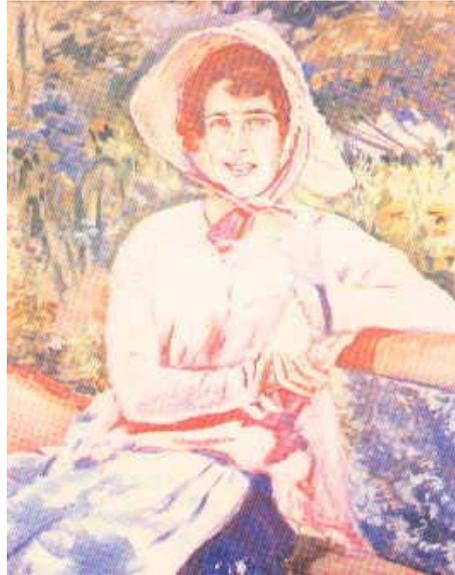


Domingos



Maria da Glória

Casou, em primeiras núpcias, com Maria do Carmo Berquó de Aguiar, natural de Ponta Delgada, que faleceu muito cedo sem deixar descendentes. Domingos Rebelo retratou-a numa bela tela de tonalidades brandas e manchas sombra-luz sobre fundo de folhagens, com pintalgos amarelos de boninas.



Maria do Carmo Berquó de Aguiar
Óleo s/ tela, s/d (1914)

Em 1921, Domingos Rebelo casou, pela segunda vez, com Maria Josefina de Oliveira Correia, natural de Viseu, companheira inseparável de Domingos Rebelo na árdua luta pela sobrevivência, da qual teve cinco filhos. A valorização do ambiente familiar e a convicção da importância desta estrutura na organização da sociedade constituía uma crença indiscutível para Domingos Rebelo. Este aspecto foi sempre tratado com muito carinho nos seus quadros, o que se pode verificar, por exemplo, no "Retrato de Família" de 1937, ao qual foi atribuído o Prémio Silva Porto.



Maria Josefina, Domingos Rebelo e dois filhos
(1923)



Maria Josefina, Domingos Rebelo e os cinco filhos
(1923)

Como foi referido anteriormente, e como reflexo da sua educação, Domingos Rebelo também atribuía um lugar de destaque à prática religiosa. Um quadro que exemplifica este aspecto é o “Natal”, datado de 1926, onde figura o próprio Domingos Rebelo e Maria Josefina, com um filho ao colo, nesta festividade religiosa de culto à família. Mas, em muitas outras telas do pintor, a religião foi uma presença marcante.



Supremo Refúgio
(Col. Da Igreja Paroquial S. João de Deus)



Benção do Pão
Óleo s/ tela. (1928)

Formação Académica

Domingos Rebelo aprendeu as suas primeiras letras com as senhoras Pereira, na rua da Arquinha, nº 73.

Mais tarde, frequentou o Instituto Fischer onde recebeu uma educação fortemente ligada aos dogmas tradicionais do Cristianismo, o que veio reforçar as crenças religiosas de Domingos Rebelo.

Ingressou depois na Escola de Artes e Ofícios Velho Cabral, como convinha a famílias de pequenas posses, onde o Director, o pintor Viçoso May, reconheceu e incentivou o seu talento artístico.

Aos 13 anos de idade, Domingos Rebelo expôs, pela primeira vez, em Ponta Delgada, tendo despertado a atenção dos Condes de Albuquerque que, com o apoio de Viçoso May, subsidiaram os seus estudos em Paris. Domingos Rebelo tinha, então, 15 anos.

Frequentou, em Paris, a Academia Julian, tendo como orientadores o pintor Jean-Paul Laurens, Albert Laurens e Naudin. Frequentou ainda outras academias como a Grande Chaumière, nas quais contactou com mestres como Bonnat e Jobbé-Duval. Durante os seis anos que passou em Paris, Domingos Rebelo conviveu com outros pintores portugueses, nomeadamente, Amadeu Sousa Cardoso, Santa Rita Pintor, Dórdio Gomes e Emmérico Nunes, num ambiente em que já se sentia a originalidade dos modernistas Cézanne, Matisse e Modigliane.



Grupo de Antigos Alunos do Instituto Fischer (1941)

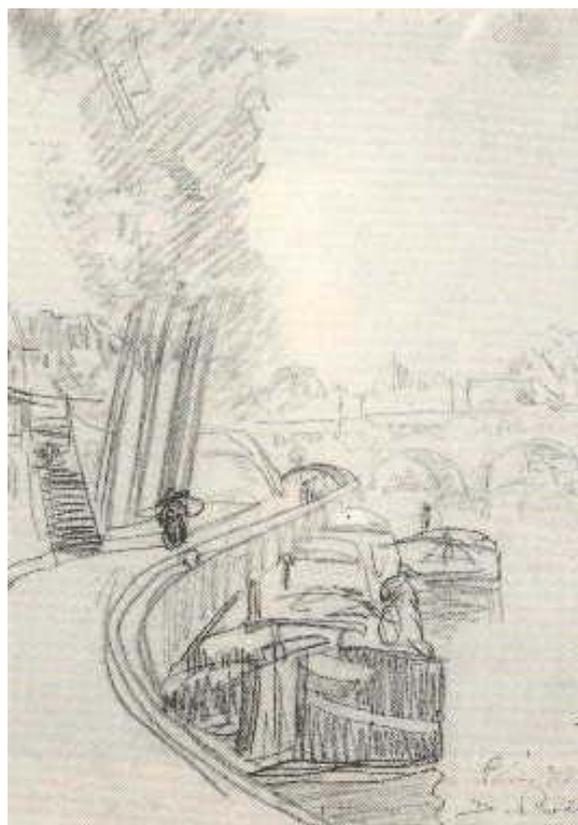


Grupo de Colegas na Academia, em Paris

Esboços de Paris



Apartamento de Paris
Lápis sobre papel, 1912



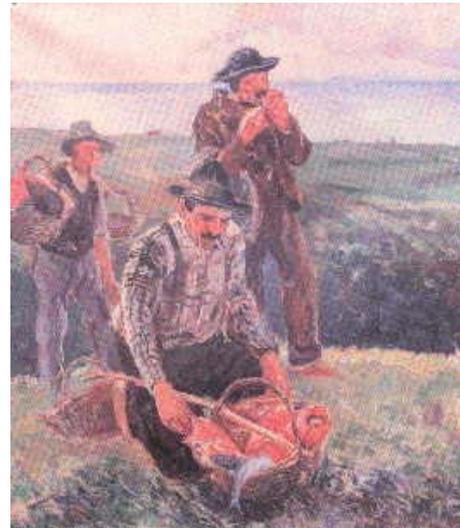
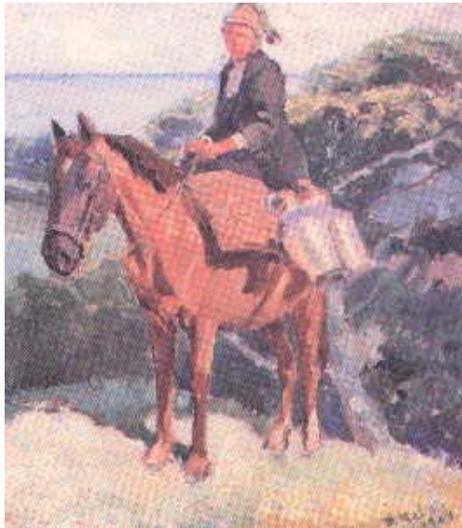
Ponte sobre o Sena
Lápis sobre papel, 1913

Ligação à ilha e o regionalismo

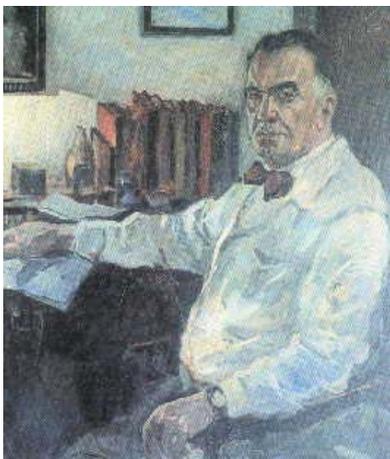
Apesar da sua estada em Paris e das suas variadas deslocações a Lisboa, Domingos Rebelo permaneceu sempre muito ligado à sua terra natal, ligação esta que se acentuou, ainda mais, depois do seu segundo matrimónio.

O profundo amor e a devoção que sentia pela sua terra natal foram transmitidos na grande maioria das suas telas, nas quais retratou costumes, tradições e usos, as coisas humildes do povo, as suas crenças religiosas, as suas folias e danças, a sua música e os seus cantares...

Ao longo dos anos, Domingos Rebelo foi definindo a sua personalidade e afirmando um gosto cada vez mais insular, mas foi nas décadas de 20 e de 30, altura em que apresentou os seus melhores trabalhos, que revelou a sua tendência regionalista.



A Vida nos Campos (pormenores)
Óleo s/ tela, 1929



Armando Côrtes Rodrigues
Óleo s/ tela, 1947

Este facto surgiu em sequência de uma carta endereçada ao seu grande amigo Armando Côrtes-Rodrigues, em 14 de Dezembro de 1923, e onde Domingos Rebelo afirmou:

“creio que desta vez encontrei aquilo que desejava. Depois de tantas hesitações cheguei à conclusão de que o meu temperamento era realista e que a minha Obra tem de ser feita aqui, Regionalista, sentida com máxima justeza.”

Em 1921, Luís Bernardo Athayde publicou um artigo, onde referiu que o verdadeiro artista regionalista é aquele que, através da sua arte, procura contribuir para o renascimento da sua pátria e despoletar na alma portuguesa o amor pela terra natal.

O Regionalismo é a valorização daquilo que é popular e único na cultura de um povo e que se mantém vivo na alma e no quotidiano ao longo dos séculos. O povo torna-se objecto de estudo e campo de análise.

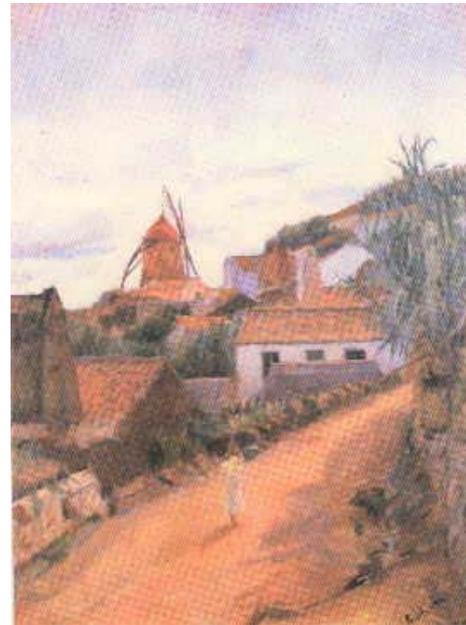
E este era o ideal de Domingos Rebelo que retratava nos seus quadros a sua terra, revelando ao pormenor as tradições, mas também as tonalidades.



Pescador Ensinando a Fazer Rede
Óleo s/ tela, 1905



Paisagem
Óleo s/ cartão, 1908



Casario com moinho - Bretanha
Óleo s/ tela, 1912

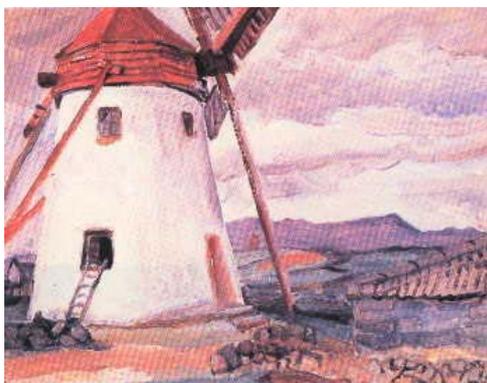
O Regionalismo não se fazia sentir apenas na pintura e na literatura, mas em todas as outras vertentes artísticas e, sendo o mundo artístico um mundo homogéneo, assistia-se a uma influência mútua.

Deste modo, muita da tendência popular regionalizante de grande parte da pintura de Domingos Rebelo faz parte deste conjunto indissociável que encontra as suas raízes nos testemunhos fornecidos pela escrita.

É essa herança primitiva, de cariz popular, transmitida essencialmente através da literatura e da música, como, por exemplo, as festividades do Espírito Santo e do Senhor Santo Cristo dos Milagres, que Domingos Rebelo regista na sua pintura, o que lhe vale o título de Pintor Etnógrafo dos Açores.

Não podíamos deixar de referir aqui o quadro que é considerado o ex-libris da pintura de Domingos Rebelo – Emigrantes. Neste quadro, a viola da terra, instrumento intrinsecamente açoriano, é considerada como uma referência obrigatória no panorama regionalista.

Costa dos Mosteiros
Óleo s/ cartão, 1938



Moinho de Vento
Óleo s/ madeira, 1938

Lagoa das Sete Cidades
Óleo s/ tela, 1938

